

REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES.

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

RIO de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Allemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARIO. — I Felisbello Freire. — II O padre Antonio Vieira e o poeta Gregorio de Mattos, por Sylvio Romero. — III A Nova Escola de Direito Criminal, por Arthur Orlando. — IV Uma noite historica, de Raul Pompéa. — V Da educação, por Herbert Spencer. — VI Bibliographia Brazileira. — Catalogo alphabetico das publicações brazileiras.

O Dr. Felisbello Freire

A redacção da *Revista Sul-Americana* congratula-se com os seus leitores pelo acto de acertado patriotismo do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, nomeando o Dr. Felisbello Freire Governador do Estado de Sergipe.

Como sabem os leitores, o Dr. Felisbello foi e é ainda um dos nossos collegas de redacção da *Revista*, a que prestou, e, esperamos, continuará a prestar o insubstituivel concurso da sua intelligencia esclarecida e dos seus dotes de espirito.

Celebramos aqui o facto, que marca um dos nossos triumphos na ardua, ainda que curta carreira, da nossa vida.

A *Revista Sul-Americana* pelos órgãos de Sylvio Romero, João Ribeiro e Felisbello sempre se revelou republicana, federalista, e sel-o-ha sempre, não tendo necessidade de prestar superflua adhesão ao

regimen sob que felizmente desde 15 de novembro vivemos.

E', porem, natural que sintamos verdadeiro orgulho ao ser distinguido pelo governo, o nosso collega, cujo nome aliás se impunha á attenção do governo.

Para aqui transcrevemos os dous artigos que sobre a individualidade de Felisbello Freire appareceram no antigo órgão republicano, a *Cidade do Rio*, tão conhecida e apreciada no paiz.

X

O ministerio pediu á imprensa suggestões e informes.

Havia uma provincia onde melhor funcionou a machina eleitoral do antigo regimen.

Se se apurava a sabedoria popular, canalizadas as direcções da rhetorica local, tudo affluia para um resultado ultimo, in-

carnado, *verbi gratia*, na pessoa do barão da Estancia.

E, nessa provincia, cançada como Jehovah, no sétimo dia da criação, de taci- turnos Demosthenes e de melancolicos Ciceros silenciosos, havia a industria do voto irmanada á dos tamancos, ambas a baixo preço, ambas adaptadas ás lamas do atoleiro, ambas á situação commovente de cousas suppedaneas.

Foi por um tempo desses que surgiu Felisbello Freire, com a actividade pas- mosa de um apostolo, com a energia cava- lheirosa de um convencido do triumpho final, e começou a fazer a propaganda republicana.

A abolição trouxe-lhe uma nova era, um momento favoravel de assalto.

Desde logo, da imprensa, onde Felis- bello, de clava, antes que de penna, abatia os adversarios, passou a organizar defini- tivamente os Clubs republicanos da pro- vincia em numero de tres, a fóra as adhesões esporadicadas por todo o territorio e que por espacadas, não se podiam sujeitar á res- tricção topographica de nucleos.

Felisbello Freire, foi o presidente do Conselho Federal do partido. Cartas par- ticulares de Saldanha Marinho e Silveira Lobo, animaram-no á conquista moral da provincia.

Teve de lutar e conseguiu extinguir a funebre *Guarda Negra*; creou escolas de libertos á expensas do partido. Sob o mi- nisterio compressivo e immoral do vis- conde de Ouro-Preto, conseguiu, no dis- tricto da capital, para um candidato illustre, 84 votos republicanos na celebre luta eleitoral de 31 de agosto.

Foi, pois, este o homem que organizou o partido republicano de Sergipe e presi- diu-o, desde a adversidade: foi quem fê-lo pela primeira vez pleitear com successo as eleições ultimas, sob o Sr de Ouro- Preto; e, pela prioridade na luta, pela energia comprovada pelos resultados obti- dos, é o unico sobre o qual recahiram as espontaneas sympathias da mocidade ser- gipana que faz parte do exercito liber- tador.

Nesse momento em que o *mare-magnum* da Revolução podê ser aqui e alli turvado pelos pescadores do antigo regimen, é bom

fazer o registro sincero da historia, e dar ao publico o depoimento de uma teste- munha dos factos.

O Governo provisorio, sabiamente inspi- rado, acaba de nomear o heróe sergipano, para o cargo de Governador do Estado. Viva a Republica!

JOÃO RIBEIRO.

O Dr. Felisbello Freire

O actual governador de Sergipe, o Dr. Felisbello Freire, allia aos seus talentos politicos, as qualidades raras de polemista e escriptor de merito.

Foi um dos redactores mais brilhantes da *Revista Sul-Americana* do Rio de Janeiro, e, no Estado que vaegovernar, successiva- mente escreveu, como chefe de redacção, no *Horizonte*, *Larangeirense* e no *Republicano*, folha fundada pelos seus esforços para combater a politica monarchica.

Formidavel e temido duplamente pela honestidade do character e pelo poder ful- minante de sua penna, aggreminou, em torno de si, os elementos saos e novissimos da geração sergipana, ainda não contami- nados pelos habitos corruptores da antiga chicana.

Espirito laborioso, forte, organizado para receber innumerados ataques dos adversarios espantosamente abundantes e fecundissi- mos como todos os microbios de podridão, no meio de todas as lutas lembrou-se um dia de restituir á verdade a historia da miseranda provincia, escrevê-la como devia ser escripta, com a collaboracão do documento, do archivo e de todas as mo- dalidades do depoimento e da pesquisa.

A sua primeira memoria foi para logo inserta na *Revista do Instituto Historico*, do Rio, e para aquella associacão, sem que o solicitasse, foi o seu nome proposto por tres dos mais conspicuos e notaveis mem- bros daquelle Instituto.

Aos que estudam com profundeza a his- toria patria, parecerá talvez que a historia parcial de Sergipe tenha pequena impor- tancia. Engano evidente. A ella se pren-

dem varios problemas da nossa historia geral, como sejam : a localisacão da familia do Caramurú, a questão das *minas de prata*, e a averiguacão do primeiro movimento autonomico do Brazil, pois de 1652 a 1696 Sergipe constituiu-se independente, sob um governo provisorio, e com a fórma de « *republica* » como attestam textualmente papeis do governo central.

Trabalhos taes que reclamam habilidade e talentos especiaes de investigacão, bem demonstram o caracter alevantado do illustre politico. Não sómente na historia, mas no proprio terreno da sciencia, Felisbello Freire, na imprensa e em conferencias, fez uma propaganda activissima sobre a vulgarisacão das idéas *monisticas* da escola transformista, com o ardor e tambem com os exaggeros que não applaudimos das theorias de Haeckel.

Todos esses labores eram simultaneos e igualmente opulentados da mesma seiva de convicção. Nenhum Estado, pois, tem como Sergipe, a obrigação de ser grato ao Govero provisorio, que acceitou a acclamação popular do nome de Felisbello.

O regimen novo seria um triumpho inglorio, se não soubesse colher as dedicacões civicas no mesmo campo onde predominava a flora do joio, damninha e parasitaria.

A' Republica, como processo de purificacão, cabe a eliminacão de todas as impurezas do ambiente, agora evidenciadas a olhos nus, pela intempestiva e luminosa ascencão do novo sol da liberdade.

Assim deve ser a verdadeira revolução nacional e patriotica; a conquista do coração generoso sobre a fome canina, a victoria do thorax sobre o baixo-ventre. A patria não é uma collectanea de barrigas, não é uma communhão de tripas.

A patria é a grande confraternisacão dos dedicados e dos heróes animados agora ao sopro onnipotente da Revolução.

HERMANN.

(Extraído da *Cidade de Rio*).

O padre Antonio Vieira e o poeta

Gregorio de Mattos (1)

Estamos ainda no seculo XVII; depois dos heróes do patriotismo e da guerra, vejamos passar os heróes do talento e das letras. Não podemos represental-os mais notaveis do que no padre Antonio Vieira e no poeta Gregorio de Mattos, talvez as duas maiores intelligencias que têm fulgurado no Brazil.

Estas duas figuras gigantescas servem para provar o vigor que então já tinha o desenvolvimento da nossa patria.

Differentes em sua carreira, diversos nos seus destinos, mostram elles, comtudo, muitos pontos de contacto na indole do talento e na do character. Vieira nascera em Portugal, mas educara-se no Brazil; era um filho do collegio da Bahia.

Passou de sua longa existencia de nonagenario a maior porção n' esta terra; trabalhou e soffreu por nosso amor.

E' um dos nossos pelo destino, pelos accidentes da vida; elle mesmo dizia: « *Pelo segundo nascimento devo ao Brazil as obrigações de patria.* » Gregorio de Mattos era natural do Brazil; mas educara-se em Portugal; era um filho da universidade de Coimbra. Justamente o inverso de seu illustre contemporaneo. Não ficou, porém, na metropole estranho á nossa vida; voltou á patria e foi um agente social por meio da satyra. Vieira tambem o foi e pelo mesmo meio; o que um fazia nos versos o outro praticava nos sermões.

Tal é principalmente o traço que aproxima os caracteres d' estes dois homens.

O padre Antonio Vieira nasceu em 1608 em Lisboa.

Era ainda menino, quando em 1615 sua familia transportou-se para a Bahia, onde seu pai veio exercer um cargo da adminis-

(1) Este artigo é um capitulo de uma pequena historia do Brazil destinada ás aulas primarias.

tração, e onde nasceram alguns de seus irmãos. Alli estudou as humanidades em aulas regidas pelos Jesuitas, em cujo collegio acolheu-se definitivamente em 1625, fugindo da casa paterna. Tinha então quinze annos de idade, e em balde os pais o aconselharam em contrario. Professou pouco depois. Fez estudos brillantissimos, e entre seus mestres contava-se o padre Fernão Cardim, uma notabilidade da Ordem. Estudou linguas brazilicas e africanas no intuito de converter selvagens d'estas raças.

Taes designios não foram senão limitadamente levados por diante, porque a carreira do pulpito e a da politica começaram a absorvel-o muito cedo.

A primeira phase de sua vida no Brazil que se estende de 1615 a 1641, distingue-se especialmente por sua provada paixão pelas letras. A eloquencia, a historia ecclesiastica, a theologia e a philosophia foram o objecto dos seus ardentes disvelos.

Tal ardor não se arrefeceu jamais; antes e depois de sua ordenação, que teve logar em 1635, foi sempre o mesmo espirito curioso, o mesmo amigo do estudo, disposição que a propria grande velhice não conseguiu apagar.

Da referida primeira phase de sua existencia em nosso paiz, entre outros curiosos documentos do valor intellectual de Vieira, resta-nos o celebre sermão pregado em 1640, em prol das armas de Portugal e contra as victorias da Hollanda.

E' um dos discursos sagrados mais eloquentes que têm sido pronunciados em todas as linguas e em todos os tempos. O orador, deixando a rota batida, dirige-se directamente á divindade e a censura por permittir a victoria dos inimigos de nossa patria.

Como portuguez e catholico, como patriota e amigo do Brazil, o padre revela-se cheio de santa indignação.

E' uma oração memoravel que deveis lêr quando fôrdes homens, que vos tocará de certo o coração. O orador é tão claro que não receio agora e n'este livrinho repetir-vos algumas de suas palavras, que facilmente comprehendereis. O padre referia-se á perda do Brazil para os portuguezes e sua conquista pelos hollandezes, aquelles mesmos invasores que mais tarde foram repellidos, como já vistes, por Vidal de Negreiros e seus companheiros. O grande jesuita

disse assim: «Considerae, Deus meu, e perdoae-me si falo inconsideradamente. Considerae a quem tiraes ás terras do Brazil e a quem as daes. Tiraes estas terras aquelles mesmos portuguezes a quem escolheistes entre todas as nações do mundo para conquistadores de vossa fé, e a quem destes por armas, como insignia e divisa singular, vossas proprias chagas.

«E será bem, supremo senhor e governador do universo, que ás sagradas quinas do Portugal, e ás armas e chagas de Christo, succedam as hereticas listas de Hollanda? .. Será bem que estas se vejam tremular ao vento victoriosas, e aquellas abatidas, arrastadas e ignominiosamente rendidas? E que fareis, ou que será feito de vosso glorioso nome em casos de tanta affronta? ..

«Assim fostes servido que entrassemos n'estes novos mundos, tão honrada e tão gloriosamente; e assim permittis que saiamos agora com tanta affronta e ignominia... Si esta havia de ser a paga e o fructo de nossos trabalhos, para que foi o trabalhar, para que foi o servir, para que foi o derramar tanto e tão illustre sangue n'estas conquistas?

Para que abrimos os mares nunca d'antes navegados? Para que descobrimos as regiões e os climas não conhecidos? Para que contrastamos os ventos e as tempestades com tanto arrojo, que apenas ha baixio no Oceano, que não esteja infamado com miserabilissimos naufragios de portuguezes?

E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, depois de tantas e tão lastimosas mortes, ou nas praias desertas sem sepultura, ou sepultados nas entranhas das fêras e monstros marinhos, que assim ganhámos, as hajamos de perder assim?»

Bel as palavras em verdade estas; falam em favor da patria, o berço e o tumulto de nossos maiores, e tão sagradas cousas devem sempre ser objecto de nossa veneração.

Entretanto, novos trabalhos, novas luctas aguardavam o padre Vieira na Europa.

Em 1641 partia elle em companhia do jesuita Simão de Vasconcellos para Portugal a comprimentar o rei D. João IV pela restauração do throno de seus avós. A nossa metropole tinha estado sob o dominio da realisa hespanhola durante

sessenta annos. A final sacudira o jugo e recuperara o seu logar entre as nações livres.

Em Lisboa o padre dedicou-se á predica e por ella tornou-se logo immensamente conhecido e admirado. Um dos maiores entusiastas do seu talento revelou-se no proprio rei D. João IV. Chamou-o para seu conselho particular e desde então começou a acção politica de nosso heróe. Este não desmentiu n'esta nova esphera a força de sua intelligencia.

Concebeu e propagou ideias verdadeiramente superiores ao meio acanhado em que devia applical-as. Entre outras, é bastante lembrar-vos os esforços que empregou para a creação de companhias de commercio portuguezas que fossem aproveitar as riquezas do Oriente e do Brazil, fazendo forte concorrência aos mercantes holandezes; a redução, e n'alguns casos a extincção, dos direitos do fisco; a ampla protecção e liberdade que se devia conceder aos israelitas existentes no reino em estímulo á utilização de seus grandes capitães; a coerção aos exaggeros desmedidos da inquisição. Grande foi a coragem do jesuita, especialmente n'este ultimo ponto.

A inquisição nunca mais lh'o perdôou, e mais tarde, em asada occasião, encarcerou-o. A restauração portugueza não se julgava segura; o governo hespanhol não a olhava sem grande despeito e a guerra entre os dois paizes foi-se prolongando e durou por cerca de dez annos.

Portugal sentiu urgente necessidade de allianças na Europa, ou, pelo menos, pazes com todas as potencias para mais livremente resistir á Hespanha.

D'ahi o empenho especial que mostrou em obter as boas graças da França e fazer as pazes com a Hollanda com quem se achava desavinda por motivos oriundos da nefasta politica hespanhola. O padre Vieira tomou parte activa nos arranjos e manejos diplomaticos d'então junto aos governos de França e de Hollanda. Para nós brasileiros é agora que vae apparecer o unico acto imprudente, impolitico e precipitado d'este grande homem.

E' o caso que havendo, como já sabeis de sobra, os holandezes em lucta com os hespanhões, dos quaes se tinham heroicamente emancipado, invadido o nosso Pernambuco e capitánias visinhas, tendo Por-

tugal por sua vez sacudido o jugo hespanhol, nem por isso os invasores julgaram-se na obrigação de restituir as regiões conquistadas á colonia portugueza. O governo de D. João IV, longe de o exigir com as armas na mão, entrou em negociações com o governo holandez para lhe entregar definitivamente as terras de que estava elle ainda de posse no Brazil e mais todas as que houvera d'antes possuido e perdêra diante da insurreição dos colonos. E tão revoltante crime do rei, que se reflecte como um estigma infamante por toda a casa de Bragança, tão aviltante traição não se levou a effeito, porque o povo soube salvar os seus direitos e conservar illesa a integridade da nossa patria. A revolução contra os holandezes em Pernambuco tinha alastrado por todo o paiz conquistado, e foi aos poucos repellindo os invasores.

E, o que é ainda mais digno das eternas censuras da historia, já os sublevados tinham ganho as decisivas batalhas do monte das *Tabocas* e a primeira dos montes *Guararapes*, quando ainda o rei de Portugal queria entregar aos Estados-geraes da Hollanda quatrocentas leguas de nossas costas sobre cem ou duzentos para o interior de nossa patria!!....

Quem nos salvou foi o povo, o proprio povo brasileiro habitador das provincias conquistadas. E para honra da nação portugueza, cumpre dizer que tambem o povo da metropole indignou-se com a traição planejada pelo rei e os aulicos que o cercavam.

Ainda uma vez a plebe, contra o governo, salvou a honra da nação. Mas a historia cobre-se de luto ao pensar que o padre Vieira, um homem de superior talento, quasi um genio, foi do parecer do rei n'esse negocio!... E si o não excluimos da galeria dos nossos grandes homens, é porque, antes e depois d'este terrivel passo, elle nos prestou grandes serviços e sentiu bem amargamente o arrependimento de seu enorme erro.

Depois de viagens e negocios varios pela Europa, voltou em janeiro de 1653 ao Brazil com destino ao Maranhão.

Ahi entrou logo em lucta com os colonos e governadores por causa da liberdade dos indios que o padre defendia, e que elles atacavam. Estas luctas prolongaram-se por muito tempo e tomaram ca-

racter violento. O padre teve de voltar a Lisboa a pedir providencias ao rei em junho de 1654, tornando com ellas ao Maranhão em maio de 1655.

Os colonos não se quizeram nunca dar por vencidos na sua grande cegueira e teima cruel em captivar os pobres indios.— Vieira a isso se oppoz tenazmente, no que aliás era acompanhado pela ordem de Jesus em geral.

A esse periodo pertencem sua viagem á tribu dos Nêengahibas de Marajó, que reduziu a amigos, e sua viagem ao Ceará, chegando até á serra de Ibiapaba. Grandes foram os riscos e fadigas n'estas jornadas. O padre foi sempre n'ellas como em toda a parte rigido de costumes, despido de avareza, caritativo e esmolero. No Maranhão passou sempre grandes penurias e dormia no chão em velha esteira de palha.

E' costume, meus meninos, de certos historiadores, na mania de comparar cousas disparatadas, fazer o parallelo entre a acção dos jesuitas no seculo XVI e os seus actos no seculo XVII no Brazil: pôr Antonio Vieira diante de José de Anchieta. Dizem que houve mais dedicação e mais amor evangelico em os primeiros de que nos ultimos. Pode ser que assim fosse; mas o que não se poderá com justiça esquecer é a differença dos tempos e o maior accumulo e força das difficuldades. No seculo XVI na Bahia, no Rio ou em Piratininga a cobicia dos colonos não tinha alcançado o lastimoso exaggero a que chegou no Maranhão e Pará no seculo seguinte.

Vieira foi um benemerito da liberdade e da consciencia em pugnar pelos infelizes caboclos. A politica do governo da metropole n'este negocio, como em muitos outros, foi vacillante e cavilosa. Ora inclinava-se para os padres, ora para os colonos. Os proprios padres foram muitas vezes forçados a ceder diante do despotismo dos captivadores. D'ahi a aleivosa insinuação d'algumas quando dizem que tambem mais de uma vez foram Vieira e seus companheiros favoraveis ao captiveiro dos selvagens. Não é esta a lição que sae dos documentos da historia. Foram sim, por vezes, obrigados a cumprir os iniquos regulamentos que a avareza dos colonos arrancava á fraqueza do governo do rei. Vieira procedeu em toda a lucta por amor dos indios n'altura de um espirito superior, sendo afinal preso em 1661 e remettido para Lisboa pela canalha amotinada.

O governo da metropole, ingrato e tacaño, prohibiu por lei especial sua volta áquella parte do Brazil. Na Europa durante o largo periodo de vinte annos (1661 a 1681) soffreu violento e injusto processo pela inquisição que chegou a metel-o nos seus carcerees. Foi á Roma, por esta razão, e seu talento de orador foi ali admirado.

Cansado de luctas e pretensões na Italia, tornou ao Brazil, indo residir na Bahia, onde morreu em 1697 com perto de noventa annos de idade dos quaes passou cincoenta em nossa terra. E' a figura mais alta da litteratura portugueza depois de Camões.

Foi seu contemporaneo o celebre e genial satirico *Gregorio de Mattos Guerra*, de quem o proprio Vieira costumava dizer: « *Deve-se mais ás satyras de Mattos do que aos sermões de Vieira* »

A população do Brazil no seculo XVII tinha por certo bem serias virtudes; porque de outro modo não se concebe que houvesse expellido os hollandezes de quasi todo o norte; de outro modo não teria feito frente muitas vezes a governadores ineptos e despoticos, como na memoravel revolta de Beckman no Maranhão; de outro modo não estaria apta para ter já a consciencia de sua individualidades que devia accentuar-se logo nos primeiros annos do seculo seguinte nas celebres luctas entre nacionaes e europeus, possuia, dizemos nós, mui relevantes virtudes; mas, por outro lado, estava eivada de vicios, e muito especialmente nas intituladas classes superiores. A cleresia, a chamada nobreza, os homens do governo, e mais ainda os clientes e amaniguados d'estes, eram de todo indisciplinados e cheios de gravissimos defeitos. D'ahi a oportunidade da mordacidade dos sermões de Vieira e dos versos de Gregorio de Mattos.

Mais tarde avaliareis, talvez, todo o valor d'este ultimo homem. Aqui vão apenas poucas palavras sobre elle. Nasceu na Bahia em 1623, segundo uns, em 1633, segundo outros. Estudou direito em Coimbra em meados do seculo XVII, e é bem caracteristico para nós brasileiros que já n'aquelle tempo se dissesse na terra classica da intelligencia portugueza: « *Anda aqui um estudante do Brazil tão refinado na satyra que com suas imagens e figuras parece que baila Momo ás cançonetas de Apollo* ». Gregorio alliava ao talento artistico da poesia e da musica o talento serio

do legista. Occupou com a mais elevada distincção cargos de magistratura em Lisboa e na Bahia.

Aqui, de volta de sua estada no reino, foi que seu genio satyrico desencadeou-se e atacou, qual um flagello, os vicios da sociedade do tempo. O governador, o bispo, os conegos da Sé, os mercantes da praça, os fidalgos, todos em summa, todos os arrogantes e viciosos pagaram o seu tributo. Era a indignação do povo que falava pela bocca d'este homem ousado, pela consciencia d'esta alma limpa. Como seria facil prevêr a reacção não se fez esperar e vinganças vis foram tramadas contra o poeta.

Foi privado de todos os empregos, arredado de sua clientela de advogado; foi coagido a asylar-se pelo reconcavo da Bahia como um foragido; foi deportado para Angola!...

A muito custo ponde mais tarde acoitar-se em Pernambuco, onde as perseguições o acompanharam, até morrer, ao que se suppõe, em 1696, um anno antes do padre Vieira, seu irmão em genio e seu companheiro na satyra. Os brasileiros devem immensa veneração ao grande poeta bahiano e ao grande orador sagrado.

SYLVIO ROMERO.

A Nova Escola de Direito Criminal.

III

O celebre Enrico Ferri não sómente descobre leis como também inventa theorias.

Além da notavel descoberta da lei da *saturação criminosa*, o celebrado professor de Bolonha, que na opinião do Sr. Dr. João Vieira é um dos maiores sabios da actualidade, teve a gloria da invenção da *theoria dos substitutivos penaes*, theoria engenhosa, que produzirá dentro de pouco tempo uma revolução no mundo scientifico como não foi dado á doutrina de Charles Darwin.

« Qui vivra verra! »

Não é ironia: o futuro pertence á seductora *theoria dos substitutivos penaes*, tal é o entusiasmo que no presente excita a prestigiosa doutrina, de que o Sr. Dr. João Vieira fez-se vulgarizador.

A phalange de adeptos «dentro em pouco se tornará legião.»

Tão grande é o entusiasmo, de que

acha-se possuido o Sr. Dr. João Vieira pela doutrina dos *substitutivos penaes* que, apesar de todas as decepções soffridas com as suas traducções, o nosso professor não pôde «resistir ao desejo de *traduzir um fragmento dessa nova doutrina.*»

Eis o *fragmento*, para o qual o leitor deve prestar toda attenção, porque trata-se de ideias por cuja maior ou menor facilidade de adopção se pôde avaliar da maior ou menor capacidade dos individuos que as aceitam.

« Assim como, diz Ferri, na ordem economica, notava Minghetti, faltando o producto principal, se recorre aos succedaneos, que possam suppril-o na satisfação das necessidades naturaes; do mesmo modo na ordem juridico-criminal, amestrados pela experiencia de que as penas fallham quasi totalmente ao escopo que se lhes attribue da defeza social, precisamos recorrer a outras providencias que possam substituil-as na satisfação da necessidade social da ordem.»

Como vê-se, até o ponto e virgula o *fragmento* de Ferri é nada mais nada menos do que a repetição por outras palavras do anexim popular — *quem não tem cachorro, caça com gato*; do ponto e virgula em diante equivale ao *truismo* — quem está convencido de que uma cousa não satisfaz as suas necessidades, precisa recorrer a outra que as satisfaça, o que é o mesmo que dizer: quem acha o gato insufficiente deve substituil-o pelo cachorro.

De maneira que neste ponto a *theoria dos substitutivos penaes* pôde ser formulada nos seguintes termos:

Assim como quem não tem cachorro caça com gato; do mesmo modo quem acha o gato insufficiente deve substituil-o pelo cachorro.

Responda o leitor, que não faz questão de palavras, si é ou não isto mesmo « a nova theoria? »

Felizmente para maior gloria de Ferri, o seu admirador não se conteve, e deu mais de um *fragmento da theoria dos substitutivos penaes*.

Mas si o primeiro *echantillon* da «nova theoria» brilha com todas as galas e esplendores de uma nova aurora, o segundo é um immenso thesouro de pensamentos cheios de luz.

Vou transcrevel-o como uma especie de bandeira, que deve reunir em torno de si

um grande numero de adeptos serios, de partidarios dedicados :

«D'aqui o conceito daquelles meios que eu chamei *substitutivos penaes*. Com esta differença, porém, que no campo economico os succedaneos não passam de productos secundarios e de uso transitorio, mas no campo criminal ao contrario os substitutivos penaes devem tornar-se os primeiros e principaes meios daquelle função social da ordem a que as penas hão de servir ainda, mas de modo secundario.»

Este fragmento está acima da comprehensão commum: n'elle ha *succedaneos* que « não passam de *productos secundarios* » e *substitutivos*, « *que devem tornar-se os primeiros e principaes meios de funções.* »

Para bem comprehender este « fragmento da nova theoria » é preciso combiná-lo com o primeiro. Então brilha a verdade com toda a luz.

O leitor lembra-se de que o primeiro *echantillon* até o ponto e virgula é nada mais nada menos do que a repetição do annexim popular — quem não tem cachorro, caça com gato, e do ponto e virgula em diante equivale ao *truismo* — quem acha o gato insufficiente deve substituí-lo pelo cachorro.

Pois bem, combinando agora os dous fragmentos da *nova theoria*, vê-se que quando não se tem cachorro e se caça com gato, « os succedaneos não passam de productos secundarios » e quando se substitue o cachorro pelo gato, « os substitutivos devem tornar-se os primeiros e principaes meios de função. »

Decididamente a theoria dos *substitutivos penaes* é a mais seductora e engenhosa das modernas doutrinas scientificas: é uma criação intellectual digna do genio de um Laplace ou de um Newton

Ha um fragmento da theoria dos *substitutivos penaes*, citado pelo Sr. Dr. João Vieira como excerpto, que deve dar ideia approximada da importancia da doutrina, no qual são tão palpaveis e chocantes as contradicções que não se sabe o que mais admirar — si a ousadia do charlatão que procura enganar, ou si o desequilibrio de espirito capaz de produzir uma diatribe tão monstruosamente ridicula.

No mundo juridico só conheço de igual em insensatez ao professor de Bolonha o Sr. Dr. Sá e Benevides, lente da Faculdade de Direito de S. Paulo, que define o fim

do homem « o bem, o qual é agradável, util, honesto, material, espiritual, temporal, eterno, natural, sobrenatural, universal, geral, particular, sensível, abstracto, racional, objectivo, subjectivo, concreto, material e formal, espontaneo e livre, proximo, intermedio e supremo ou definitivo. »

Ferri é assim um amontoador de phrases, que se contradizem e se destroem umas ás outras.

« Até onde, diz elle, aquellas providencias poderem estender a sua efficacia preventiva, poderemos ficar certos de que os crimes não se commetterão; e neste sentido são antes verdadeiros *substitutivos* do que *cooperativos* das penas, como um meu critico benevolo tinha ao contrario opinado. Mas assim como nós sabemos que ha uma lei de *saturação criminosa* pela qual é inevitavel em todo ambiente social um *minimo de criminalidade* devido aos factores anthropologicos, physicos e tambem sociaes, porque a perfeição não caracteriza a vida humana, do mesmo modo para este *minimo as penas serão o ultimo e imprescindivel remedio*, ainda que pouco vantajoso, *contra as manifestações inevitaveis da actividade criminosa.* »

Mas si em virtude da lei de *saturação criminosa* ha um minimo de criminalidade, que é inevitavel em todo ambiente social, como é que as penas poderão ser o ultimo e imprescindivel remedio contra estas manifestações inevitaveis da actividade criminosa?

Entre os pensadores, entre os bemfeitores da humanidade que pensam e fazem pensar, ha personagens estranhos e grotescos, que se movem como jograes e que têm como norma de conducta a regra: — mais se é insensato e mais se parece sabio.

São os principes da tolice, em cujo numero está Ferri e toda a phalange de idiotas que o acompanham.

ARTHUR ORLANDO.

(Continúa)

Uma noite historica

(DO ALTO DE UMA JANELLA DO LARGO DO PAÇO)

A's tres horas da madrugada do domingo, enquanto a cidade dormia, tranquilizada pela vigilancia tremenda do Governo Provisorio, foi o largo do Paço theatro de uma scena extraordinaria, presenciada por poucos, tão grandiosa no seu sentido e tão pungente, quanto foi simples e breve.

Obedecendo á dolorosa imposição das circumstancias, que forçavam um procedimento energico para com os membros da dynastia dos principes do ex-imperio, o governo teve necessidade de isolar o paço da cidade, vedando qualquer communicação do seu interior com a vida da capital. A todas as portas do edificio principal, na manhã do sabbado e ás portas das outras habitações dependentes, ligadas pelos passadiços, forão postadas sentinellas de infantaria e numerosos carabineiros montados. O saguão transformou-se em verdadeira praça de armas.

Muitos personagens eminentes do imperio e diversas familias, ligadas por approximação de affecto á familia imperial, apresentaram-se a falar ao Imperador e aos seus augustos parentes, retrocedendo com o desgosto de uma tentativa perdida.

A' proporção que passavam as horas, foi se tornando mais rigorosa a guarda das immedições do palacio. As sentinellas foram reforçadas por uma linha de bayonetas, que á pequenos intervallos estendeu-se pelo passeio, em todo o perimetro da imperial residencia, transformada em prisão do Estado.

Novas determinações, annunciadas por ajudantes de ordens que chegavam frequentemente do quartel general, desenvolviam ainda mais as manobras da guarnição do edificio.

Depois que anoiteceu, foi fechado o transito pelas ruas que o rodeiam. A's onze horas, havia sentinellas até o meio da grande área comprehendida entre o portico do palacio e o cães. Por todas as immedições vagueavam soldados de cavallaria, empunhando clavinotes de coronha pouxada ao joelho.

Adiantava-se a noite, adiantavam-se gradualmente para o mar os cordões de sentinellas.

Um boato official, inspirado pela conve-

niencia do interesse publico, espalhára a noticia de que o Sr. D. Pedro de Alcantara (que se sabia dever embarcar para Europa, em consequencia da revolução do dia 15) só iria para bordo no domingo de manhã. A policia excepcional do Largo do Paço, porém, durante a noite de sabbado, deu a certeza de que o embarque se faria muito antes da hora do propalado consta. Demorados por esta suspeita, muitos curiosos estacionavam pelas vizinhanças do Mercado, das pontes das barcas, na rua Fresca, na rua da Misericordia, na esquina da rua Primeiro de Março.

De 1 hora da madrugada em diante, as patrulhas de cavallaria começaram a dispersar os ajuntamentos.

Para os ultimos passageiros das barcas Ferry não havia mais caminho, do lado do Mercado, senão beirando rentinho ao cães. Depois da ultima barca, o transito foi absolutamente impedido. Tambem os mais renitentes curiosos tornaram-se muito raros, mesmo nas proximidades do largo sitiado.

Um grande saeco, com uma nota accentuada de panico, reinava neste ponto da cidade. Para mais carregar a physionomia do momento, circulavam nessa hora as noticias de um conflito entre marinheiros e praças do exercito, havendo troca de tiros. Apesar da brandura de modos com que os militares convidavam as pessoas do povo a se retirarem, apesar da completa abstenção de actos de violencia que têm caracterisado o systema policial, energico, mas extraordinariamente prudente do Governo Provisorio, sentia-se alli como que uma atmospha de vago terror, como se a calada da noite, a escuridão do logar, a amplitude insondavel da praça evacuada, respirassem a presença de uma realidade formidavel. Sentia-se todo aquelle immenso ermo occupado pela vontade poderosa da revolução. Em cima, o céu tristissimo, povoado de nuvens crespas, muito densas, que um luar fraco bordava de transparencias pallidas.

De vez em quando, das perspectivas de sombra, sahia um rumor de vozes abafadas, logo feitas silencio; de vez em quando, um rumor secco de bainhas de folha contra esporas e um estrepito de patas de cavallo, escarvando o calcamento, batendo a passos regulares, espalhando-se em estalado galope. Em geral, silencio de morte.

Entre as poucas pessoas que, illudindo

o consentimento da policia, tinham conseguido occultar-se em diversos sitios de observação, murmurava-se que não devia tardar o embarque do ex-imperador. Duas horas da madrugada, entretanto, tinham marcado os relógios das torres, e nada de novo, dos lados do paço, viera agitar o solemne socego do largo.

Pouco antes dessa hora, houvera um grande movimento do lado do mar. Dahi soára repentinamente um grito de alarma.

A noticia divulgada, de assaltos provaveis de gente da arma-la contra a tropa, assaltos que seriam razoavelmente favorecidos pelo negrume da noite, que subia do mar sobre o cáes como uma muralha preta, furada apenas pela linha de pontos lucidos da illuminação de Nitherohy, dava para impressionar de susto um grito perdido da sentinella. Houve um tropel de cavallos, e logo uma, duas, outra, outra, muitas detonações de espingarda, em desordenado tiroteio.

Nada havia de grave. Um individuo, que tentára embarcar-se contra a vontade da ronda, fôra preso. Escapando ás mãos da patrulha de infantaria que o prendêra, tinha se lançado ao mar para fugir nadando. Alguns soldados atiraram a esmo para assusta-lo, enquanto outros tomavam um bote, com o qual pegaram de novo o evadido. Logo em seguida foi visto o preso passar, á luz dos lampeões, empurrado por guardas.

Houve quem suppuzesse, que os tiros foram um signal. Com effeito, tal qual se assim fosse, ouviu-se, pouco depois, no meio das trevas da bahia, o rebato chocalhado da helice de uma lancha a vapor. Uma pequena luz vermelha estrellou-se no escuro, diante do cáes, e, ao fim de poucos momentos, ao lado do molhe de embarque do Pharoux, vinha cessar o barulho da helice, com duas pancadas de um tympano de bordo e a passagem de uma rapida sombra fluctuante sobre a sombra inquieta das aguas.

—E' a lancha do imperador! pensaram os que viam, com a oppressão natural que devia provocar aquelle annuncio da imminencia de um grande momento.

Bastante tempo se passou depois deste incidente, antes que de novo fosse alterada a monotonia do socego da noite. A suspeita de que acabava de atracar a embarcação que devia receber o monarcha deposto, a anciedade de perceber o movi-

mento significativo, no portão do paço, prolongou indefinidamente a duração desta expectativa. O profundo silencio do logar pareceu fazer-se maior, nessa occasião, como se a noite comprehendesse que se hia, alli mesmo, em poucos momentos, estrangular a ultima hora de um reinado. A tranquillidade que havia era lugubre. Ouvia-se com certo estremecimento o barulho do morder de freios dos corceis da cavallaria em recantos afastados. Frouxamente clareados pela illuminação urbana, as casas ao redor do largo, os edificios publicos pareciam adormecidos. Nenhuma luz nas janellas, a não ser nos ultimos andares de uma casa de saude.

Apezar disso, que se acreditaria indicar a completa ausencia de espectadores para a scena que se ia passar, algumas janellas abertas appareciam como retabulos negros, nas mais altas sacadas, e percebia-se uma agitação facil de reconhecer nos peitoris escuros....

Pobre D. Pedro! Em homenagem á severidade da determinação do governo revolucionario, ninguem queria *ter sido* testemunha da mysteriosa eliminação de um soberano.

A's tres horas da madrugada, menos alguns minutos, entrou pela praça um rumor de carruagem. Para as bandas do paço houve um ruidoso tumulto de armas e cavallos. As patrulhas que passeavam de ronda retiráram-se todas a occupar as entradas do largo, pelo meio do qual, através das arvores, illuminando sinistramente a solidão, perfilavam-se os postes melancolicos dos lampeões de gaz.

Appareceu, então, o prestito dos exilados.

Nada mais triste. Um coche negro, puxado a passo por dous cavallos, que se adiantavam de cabeça baixa, como se dormissem andando. A' frente, duas senhoras de negro, a pé, cobertas de véos, como a buscar caminho para o triste vehiculo. Fechando a marcha um grupo de cavalleiros, que a perspectiva nocturna detalhava em negro perfil. Divisavam-se vagamente, sobre o grupo, os penachos vermelhos das barretinas de cavallaria.

O vagaroso comboio atravessou em linha recta, do paço, em direcção ao molhe do cáes Pharoux. Ao approximar-se do cáes, apresentaram-se alguns militares a cavallo, que formáram em caminho.

—E' aqui o embarque? perguntou timidamente uma das senhoras de preto aos

militares. O cavalleiro, que parecia um official, respondeu com um gesto largo de braço e uma attenciosa inclinação do corpo.

Por meio dos lampeões que ladeiam a entrada do molhe, passáram as senhoras. Seguiu-as o coche fechado.

Quasi na extremidade do molhe, o carro parou e o Sr. D. Pedro de Alcantara apeiou-se—um vulto indistincto, entre outros vultos distantes—para pisar pela ultima vez a terra da patria.

Do posto de observação em que nos achávamos, com a difficuldade, ainda mais, da noite escura, não pudemos distinguir a scena do embarque.

Foi rapido, entretanto. Dentro de poucos minutos, ouvia-se um ligeiro apito, echoava no mar o rumor igual da helice da lancha; reapparecia o clarão da illuminação interior do barco; e, sem que se pudesse distinguir nem um só dos passageiros, a toda a força de vapor, o ruido da helice e o clarão vermelho afastavam-se da terra.

20 de Novembro.

RAUL POMPEA.

Da educação

DA EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

(Continuação)

que o castigo será muito vivamente sentido, que a creança perceberá claramente o encaleamento da causa para o effeito, reconhecendo que o seu desleixo é a origem da privação que experimenta. E vendo isto, não se julgará victima d'uma injustiça, como succederia se não existisse a evidente união entre a transgressão e o castigo que se lhe segue.

Ainda mais o natural dos paes e das creanças é muito menos sujeito a alterar-se sob a acção d'este systema do que sob o systema ordinario. Quando, em vez de deixar as creanças experimentar os resultados penosos que seguem naturalmente a má conducta, os mesmos paes lhes infligem elles proprios outros castigos, produzem um duplo mal. Visto que identi-

caram a sua auctoridade e a sua dignidade com a sustentação de numerosas leis domesticas que instituíram, toda a transgressão se torna uma offensa para com ellas e uma causa de colera da sua parte. E accrescente se a isto o vexame que se impõem, encarregando-se, sob a fórma de trabalho ou despesa supplementares das consequencias más que deviam ter cahido sobre os seus delinquentes. O mesmo succede ás creanças. Os castigos que as reacções naturaes produzem, os castigos que lhes são infligidos pelos agentes impessoaes, não produzem mais do que uma irritação comparativamente fraca e passageira; enquanto que os castigos voluntariamente infligidos pelos paes e os quaes só recordam como obra d'estes, produzem uma irritação conjunctamente maior e mais duradoura. Vêde quantos resultados desastrosos produziriam, se lhes applicassem este methodo empirico desde o principio da educação! Supponde que era possível aos paes encarregarem-se dos soffrimentos physicos que as creanças se causam a si proprios por ignorancia ou negligencia e que, durante que supportavam estas más consequencias, infligiam a seus filhos alguma correccão, destinada a ensinar-lhes que procediam mal; supponde que, logo que se prohibiu a uma creança o tocar numa cafeteira e que ella, apesar d'esta prohibição, entorna a agua a ferver sobre os seus pés, a mãe póde receber por ella a queimadura substituindo-a por um sóco e o assim nos demais casos: estes accidentes diarios não se tornariam acaso a fonte de muita mais irritação do que hoje succede? O mau humor não seria por ventura chronico de ambos os lados? Todavia é exactamente a politica que mais tarde se adopta. Um pai que bate no filho porque este, por descuido ou malvadez, quebrou o brinquedo da irmã, e que de seguida compra a esta um outro brinquedo, este pai faz exactamente o que nós acabamos de expor: inflige um castigo artificial ao transgressor e soffre por este o castigo natural da transgressão, o que exaspera ao mesmo tempo e sem necessidade os seus proprios sentimentos e os do transgressor. Se elle exigisse simplesmente um acto de restituição, causaria muito menos desgosto. Se dissesse ao filho que devia comprar á sua custa um novo brinquedo a sua irmã, e que para este fim lhe tirasse o dinheiro que tinha no bolso até perfazer a somma

necessaria, haveria muito menos irritação de ambos os lados; e ao mesmo tempo a creança soffreria uma consequencia equitativa e salutar. Finalmente o systema de disciplina pelas reacções naturaes é o menos prejudicial ao character; em primeiro lugar porque reconhece se immediatamente que é o da pura justiça; em seguida porque é acção impessoal da natureza que se põe em jogo, em vez da acção pessoal dos paes.

Surge por fim este corollario evidente, que por este systema as relações entre os paes e os filhos serão mais affectuosas, e por conseguinte a influencia sobre elles tornar-se-ha mais proficua. A cholera dos paes ou dos filhos, de qualquer causa que provenha e tome a fôrma que tomar, é sempre desastrosa. Mas a colera de um pae contra seu filho e d'um filho contra seu pae, é-o duplamente, porque enfraquece esse laço de sympathia que é necessaria a todo o governo benefico. Em virtude da lei das associações de ideias, succede inevitavelmente, nos velhos e nas creanças, que se toma aversão pelas cousas que se nos apresentam habitualmente acompanhadas de sentimentos desagradaveis. E onde a affeição existia originariamente, sobrevem o resfriamento e a aversão na proporção da força e da frequencia das impressões recebidas. A colera paterna, que se exprime pelas reprehensões e castigos, não pôde deixar de produzir, repetindo-se muitas vezes, o esfriamento na creança, em quanto que o resentimento e a grosseria da creança pelo seu lado não podem deixar de enfraquecer a affeição que inspira, e até por fim destrui-la. E' por isso que tão frequentemente succede os paes (e particularmente os paes attreitos em geral á applicação do castigo) serem vistos com indifferença e até com aversão; e d'aqui provém também que as creanças muitas vezes são consideradas como flagellos. Como, porém, é visivel que um afastamento d'esta natureza é fatal a toda a boa educação moral, segue-se que não se pôde ser muito sollicito em evitar as occasiões d'um antagonismo directo dos paes e dos filhos. Por conseguinte os primeiros têm o maior interesse em substituir a disciplina dos castigos arbitrarios pelas consequencias naturaes que evitam a exasperação e a antipathia.

O systema de educação moral pe'a experiencia das reacções naturaes, systema superiormente applicado à primeira infan-

cia e á vida adulta, é pois, vemol-o, egualmente applicavel ao periodo da segunda infancia e da juventude. Entre as vantagens que offerece este systema nós vemos: em primeiro lugar que elle ministra ao espirito, em materia de conducta, essa noção justa do bem e do mal que resulta da experiencia dos effeitos bons ou maus; em segundo lugar, que a creança, não experimentando mais do que as consequencias penosas das suas acções, deve reconhecer mais ou menos claramente a justiça da penalidade: em terceiro lugar, sendo reconhecida a justiça do castigo e sendo este applicado pelas mãos da natureza e não pelas d'um individuo, a creança experimenta d'esta fôrma menos irritação; em quanto que o pae, não fazendo mais do que preencher o dever, comparativamente passivo, que consiste em deixar que o castigo sobrevenha pelas vias naturaes, conserva uma placidez relativa; em quarto lugar, sendo d'este modo prevista a exasperação mutua, as relações mais doces, mais fecundas em boas influencias existem entre os paes e os filhos.

«Mas o que é que se deve fazer em casos mais graves? Como poderá seguir-se este plano quando a creança tiver commettido um pequeno furto? quando tiver pregado uma mentira? quando bater em seu irmão ou irmã mais novos?»

Antes de responder a estas questões examinemos o alcance de alguns factos que tomamos como exemplos.

Um amigo nosso, vivendo na familia do, cunhado emprehendeu a educação de seus sobrinho e sobrinha. Dirigira-os mais talvez por sympathia natural do que por calculo, segundo o methodo que acabamos de expor. As duas creanças eram seus alumnos em casa e seus companheiros fóra de casa. Todos os dias passeiavam e faziam excursões para herborisar, procurando-lhes plantas com ardor, vendo como elle as classificava, e por todas as fôrmas gozavam e aproveitavam na sua companhia. Numa palavra, sob o ponto de vista moral, elle era verdadeiramente o pae. Relatando-nos os resultados do seu methodo de educação, citou-nos entre outros exemplos o facto seguinte: Um dia, necessitando d'um objecto que estava no outro extremo da casa, disse a seu sobrinho que lh'o fosse buscar. A creança, que estava influida a brincar, contrariamente ao costume mostrou grande repugnancia em fazel-o, ou recusou até

ir, se bem nos lembra. O tio, inimigo de todo o meio coercitivo, levantou-se e foi elle proprio procurar o objecto, deixando ver sómente no semblante, o desgosto que este procedimento lhe causava. E quando, á tarde, a creança propoz o jogo com que costumava distrahir-se, o tio recusou simplesmente e com a frieza que ella naturalmente percebia, deixando por este modo deduzir-se a consequencia verdadeira do que a creança havia feito. No dia seguinte, de manhã, á hora de se levantar, o nosso amigo ouviu á porta do seu quarto uma voz que não costumava ouvir a essa hora. Era seu sobrinho que lhe levava agua quente. Olhando em volta do quarto, a creança indagou o que é que podia ainda fazer, e exclamou: «Oh! não tendes ainda as botas!» correndo para a escada affin de ir buscá-las. D'este modo e de muitos outros manifestou um verdadeiro arrependimento da sua conducta. Procurava compensar a sua recusa ao serviço com serviços desusados. Os seus bons sentimentos tinham verdadeiramente triumphado dos maus; a victoria dera-lhes uma nova força; e sentindo a perda da affeição do tio, apreciava a muito mais depois de a ter readquirido.

Por seu turno o nosso dito amigo é hoje pae, segue o mesmo systema e declara que se dá bem com elle. Torna-se completamente amigo dos seus filhos. Estes esperam com impaciencia a tarde, porque é a hora em que estará em casa; e se brincam ao domingo, é principalmente porque seu pae passa esse dia inteiro com elles. De posse d'esta plena confiança e de toda a affeição de seus filhos, a expressão da sua approvação ou da sua desapprovação dá-lhe um meio efficaz de governo. Se, ao entrar em casa, sabe que um dos seus filhos foi mau, procede para com elle com a frieza que a conducta da creança naturalmente lhe inspira; e isto é sempre um sufficiente castigo. A simples abstenção de caricias é uma origem de desgosto e de lagrimas, mais duradouras do que o seriam as pancadas. E asseguram-nos que, na sua ausencia, as creanças têm sempre receio d'este acolhimento presente na memoria: por fórma que perguntam frequentemente á mãe, se ellas não se têm portado bem, para que esta o confirme ao papá quando chegar. Ultimamente, o pequenito mais velho, turbulento, com cinco annos, numa d'estas effervescencias da vida, communs nas creanças saudaveis, na ausencia da mãe praticou muitos desatinos;

cortou alguns cabellos ao irmão e feriu-se com uma thesoura que tirou do toucador do pae. Ao entrar, quando este soube d'isto, não dirigiu a palavra ao pequeno durante toda a noite e manhã do dia seguinte. Além do desgosto que naquella occasião soffreu o effeito d'esta maneira de proceder foi tal que, passados dias, vendo a mãe prompta para sahir, a creança pediu-lhe que ficasse: e confessou que tinha receio de fazer ainda alguns desatinos durante a ausencia da mãe.

Referimos estes factos antes de responder á questão: «O que é que se deve fazer em casos mais graves?» affin de provarmos em primeiro logar quaes são as relações que podem e que devem existir entre paes e filhos; porque é da existencia d'estas relações que depende o bom resultado na repressão das faltas graves. Devemos agora demonstrar ainda que estas relações se estabelecerão pela adopção do systema que temos recommendado. Já fizemos ver que deixando simplesmente experimentar á creança as reacções penosas dos seus maus actos, os paes não terão de soffrer antagonismo algum com ellas, nem correrão o inconveniente de serem olhados como inimigos; mas resta fazer ver que sempre que o systema foi bem seguido desde o principio, nasceu um sentimento activo de affeição.

Hoje os paes e as mães são, na maior parte dos casos, considerados pelos seus filhos como *amigos inimigos* (1). As impressões da creança sendo inevitavelmente determinadas pelo tractamento que experimenta, e sendo este tractamento um mixto continuo de seducções e de ameaças, de caricias e de reprehensões, de doçura e de severidade, origina-se necessariamente no seu cerebro um conflicto de ideias sobre o character paterno. Uma mãe julga geralmente que basta dizer a seu filho que ella é a sua melhor amiga, e persuadida de que elle a deve acreditar, julgou que de facto assim o acrdita. «E' para o teu bem, lhe diz ella. Eu sei melhor do que tu o que te convém. Tu não tens bastante idade para o comprehender já, mas agradecer-me-has mais tarde o que hoje faço». Estas asserções e outras semelhantes são sempre muito repetidas. Durante este tempo a creança

HERBERT SPENCER.

(Continúa).

(1) FRIEND-ENIMIS, no texto inglez.

Bibliographia Brasileira

ANNO II — 15 DE NOVEMBRO DE 1889 — BOLETIM XXI

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, lithographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a noticia das publicações.

Catalogo alphabetico das publicações brasileiras

LIVROS

- 255—CARLOS DA LUZ, Estudo sobre as polvoras de guerra antigas e modernas.
256—COMMEMORAÇÃO do centenario de Claudio Manuel da Costa, publicação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro (?).
257—ESTATUTOS da Escola de pharmacia de Ouro Preto (?).
258—FREITAS FRANKLIN, Seccas do Ceará (?).
259—GAMA e COSTA, Discursos do ex-deputado do 4.º districto (?).
260—GUIA do Immigrante no imperio do Brazil, publicada pelo Banco Colonizador (?).
261—JASPER HARBEN, These de concurso para o provimento de lugar de substituto da Cadeira de Inglez no Collegio D. Pedro II (?).
262—JOÃO DE LERI, Historia de uma feita a terra do Brazil, traducção de Tristão de Alencar Araripe (?).
263—MARQUES DE SOUSA, A estrada de ferro interoceânica Brazil-Central, por Collatino Marques de Sousa e engenheiro Collatino Marques de Sousa Filho (?).
264—PEDRO FIALHO, Toxemias cirurgicas (?).
265—URIAS DA SILVEIRA, A molestia e o remedio (?).

MUSICAS

Sem contestação nenhuma a casa *Al Lambary*, á travessa de S. Francisco de Paula, 22-A, é o Olympo musical da republica brasileira. As suas publicações registram-se como successos no genero.

As ultimas que recebemos :

VOLTAMOS DE MATTO GROSSO, polka de Tristão dos Santos. Toda cheia de actualidade, depois do dia 15. Já está consagrada por um cento de pianos.

ALCESTE, polka de Luiz Pedroza. Dizem que faz dançar a um paralytico e *io lo creo*.

HERONDINA, valsa de J. de Christo. E' com certeza uma das melhores composições do auctor. Bastante facil e muito melodica.

NAZARETH, polka pelo dito. O Ernesto... que havemos de dizer do Ernesto, tão popular hoje desde o Cajú a Copacabana?

Não temos remedios senão mais uma vez recommendar ás leitoras que deixem de ir ao *Alambary* (travessa de S. Francisco de Paula, 22-A) são capazes de arruinar irmãos, maridos e parentela toda, alem de de escangalharem com toda a docura as orelhas da humanidade. Não vão lá, minhas senhoras.

Na vitrine da livraria classica de Alves & Companhia acham-se expostos os seguintes livros novos :

- Les theories et les notations de la chimie moderne par Antoine de Saporta.
Traité pratique des accouchements par A. Charpentier. Vol. 1.º
Pathologie comparée de l'homme et des etres organisés par le Dr. A. Bordier.
Leçons cliniques sur les maladies des voies urinaires par Sir Henry Thompson
La France préhistorique par E. Cartailhac.
L'homme de génie par Cesare Lombroso.
Travaux d'obstétrique et de gynécologie précédés d'éléments de pratique obstétricale par M. le professeur Pajot.
Mémoires et observations d'ophthalmologie pratique par le Dr. H. Armaignac.
Traité de chirurgie clinique par P. Til-laux, 2 vols.
Traité de pharmacologie, de thérapeutique et de matière medical, par L. Brunton.
Solution du probleme de la suggestion hypnotique par Amédée. H. Simonin.
Thérapeutique des maladies infectieuses par Ch. Bouchard.

LIVROS

A' VENDA NO CENTRO BIBLIOGRAPHICO

41 Rua Gonçalves Dias 41

- Emile de Laveleye*—L'instruction du peuple, 1 vol. enc. (raro) 6\$000
Discussions du congrès de l'enseignement, Bruxelles 1880, 1 vol. enc. 5\$000
Manuel général de l'instruction primaire, 1 vol. enc. 3\$000
Rollin—Traité des études, 1 vol. enc. 3\$000
Enseignement supérieur (Etudes 1879-1880) 2 vols. enc. 6\$000
Gabriel Compayre—Doctrines de l'éducation en France, 2 vols. encs. 5\$000
Bernardo Perez—L'enfant de trois à sept ans, 1 vol. enc. 2\$500
Pape Carpentier—Enseignement pratique, 1 vol. enc. 2\$500
Bernard Perez—L'éducation dès le berceau, 1 vol. enc. 2\$500
Ligue de l'enseignement—L'école modèle, 1 vol. enc. 2\$000
Delon—Exercices et travaux pour les enfants, com gravuras, 1 vol. enc. 3\$000
Barrat—Du rôle de la famille dans l'éducation, 1 vol. enc. 2\$500
Goldammer—Les dons du jardin des enfants, com gravuras, 1 vol. enc. 3\$000
Deltour—L'enseignement secondaire classique, 1 vol. enc. 2\$000
Collineau—La gymnastique, 1 vol. enc. com gravuras 4\$000
Dittes—Histoire de l'éducation et de l'instruction 1 vol. enc. 2\$000
Ruy Barbosa—Primeiras lições de coisas traduzidas de Calkins, 1 vol. com gravuras 3\$000
Rousselot—L'éducation des femmes en France, 2 vols. encs. 2\$000
Bagnaux—Devoirs d'écoliers français, 1 vol. enc. 1\$500
Balland—La parole, 1 vol. enc. 1\$500
Bourgeois—Hygiène et éducation, 1 volume enc. 1\$500
Buisson—L'homme, la famille et la société, 1 vol. enc. 1\$500
Bautain—Art de parler en public, 1 vol. enc. 1\$500
Cochin—Pestalossi—sa vie et ses œuvres, 1 vol. enc. 1\$500
Chalamet—L'école maternelle, 1 volume enc. 1\$500

- Compaire*—Cours de pédagogie, 1 volume enc. 1\$500
Dumouchel—Leçons de pédagogie, 1 volume enc. 1\$500
Déssoye—La ligue de l'enseignement, 1 vol. enc. 1\$500
Ferneuil—La réforme de l'enseignement public, 1 vol. enc. 1\$500
Guilly—La nature et la morale, 1 volume enc. 1\$500
Larcher—L'éducation des filles, 1 volume enc. 1\$500
Hippeau—L'instruction publique en Allemagne, 1 vol. enc. 1\$500
Hippeau—L'instruction publique en Italie, 1 vol. enc. 1\$500
Hippeau—L'instruction publique aux Etats-Unis, 1 vol. enc. 1\$500
Hippeau—L'instruction publique en Angleterre, 1 vol. enc. 1\$500
Legouvé—L'art de la lecture, 1 vol. enc. 1\$500
Mariotti—Conférences de pédagogie, 1 vol. enc. 1\$500
Moissac—La ligue de l'enseignement, 1 vol. enc. 1\$500
Nettement—De la seconde éducation des filles, 1 vol. enc. 1\$500
Noël—Au tour du foyer, 1 vol. enc. 1\$500
Paulo Bert—L'enseignement primaire, 1 vol. enc. 1\$500
Pestalossi—Comment Gertrude instruit ses enfants, 1 vol. enc. 1\$500
Pécaut—L'éducation nationale, 1 volume enc. 1\$500
Passy—L'enseignement obligatoire, 1 vol. enc. 1\$500
Robin—L'instruction et l'éducation, 1 vol. enc. 1\$500
Rousselot—Pédagogie à l'usage de l'enseignement primaire, 1 vol. enc. 1\$500
Riant—L'hygiène et l'éducation dans les internats, 1 vol. enc. 1\$500
Vallery-Radot—L'étudiant d'aujourd'hui, 1 vol. enc. 1\$500
Jules Simon—L'école, 1 vol. enc. 1\$500
Vincent—Cours de pédagogie, 1 volume enc. 1\$500

Grande quantidade de brochuras, sobre o mesmo assumpto na livraria do Centro Bibliographico.
 41, Rua Gonçalves Dias, 41.

A VENDA NA

LIVRARIA CLASSICA

DE

ALVES & COMP.

46 e 48 Rua Gonçalves Dias 46 e 48

Geographia geral, (curso) pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 1 vol. cart. 3\$000

Geographia-Atlas, contendo oito mappas seguida d'um ligeiro esboço chronologico da historia do Brazil e de algumas noções de cosmographia, dedicado a infancia por monsenhor C. Couturier, segunda edição, muito melhorada, pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 1 vol. obl. 1\$000

Geographia geral do Brazil, por A. W. Sellin, traduzida e consideravelmente augmentada, por J. Capistrano de Abreu, 1 vol. cart. 2\$500

Geographia da provincia do Rio Grande do Sul, adornada com mappas coloridos, por Hilario Ribeiro, 1 vol. cart. 2\$000

Noções de geographia geral, pelo Dr. Moreira Pinto, segunda edição, muito melhorada, 1 vol. com illustrações. 1\$000

O Brazil em 1889—Geographia das provincias do Brazil, pelo Dr. Moreira Pinto, obra premiada em diversas exposições, terceira edição, muito augmentada e ornada de gravuras. Adoptada na Escola Normal da Corte, na Escola Normal do Estado do Rio de Janeiro, na de S. Paulo, etc. 3\$000

Chorographia do Brazil (Rudimentos), para as escolas primarias, pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol. 1\$000

Noções de historia universal, adoptada ao ultimo programma, pelo Dr. Moreira Pinto, 2 edição, 1 vol. 3\$000

Epitome da historia do Brazil, pelo Dr. Moreira Pinto, 2ª edição illustrada. 1\$000

Historia antiga do Oriente, por João Maria da Gama Berquó, 1 vol. br. 1\$500

Historia da Grecia e de Roma, por João Maria da Gama Berquó, 1 vol. br. 2\$000

Historia universal (noções summarias) por João Maria da Gama Berquó, 1 vol. cart. 5\$000

Hi-torta universal (rudimentos), traducção de D. Maria Emilia Leal, 1 vol. cart. 2\$000

Lições da Historia do Brazil, adoptadas á leitura das escolas por Antonio Alvares Pereira Coruja—membro do instituto historico e Geographico Brasileiro, nova edição

com alguns augmentos e correções, 1 vol, in-16 enc. 2\$000

Novo methodo pratico e facil, para aprender-se a lingua franceza com muita rapidez, pelo Dr. F. Ahn, adaptado ao uso dos brasileiros, por F. de Oliveira, 1 vol. 1\$500

Grammatica Franceza, por Lhomond 1\$000

Fables de Lafontaine, choises et annotés, 1 vol. enc. \$500

Beautés de Chateaubriand, ou morceaux choisis des Martyrs et du Génie du Christianisme suivis des beauté du Théâtre Classique Français 3\$000

Novo methodo pratico e facil para aprender a lingua ingleza com muita rapidez, Dr. pelo F. Ahn, adaptado ao uso dos brasileiros, por F. de Oliveira, 1 vol, 1\$500

Grammatica pratica da lingua ingleza, pelo Dr. F. da Motta Setima edição, 1 vol. in-12 5\$000

Novo methodo pratico e facil, para aprender a lingua ingleza, por Graeser, segundo os principios de F. Ahn, modificado e adaptado a lingua ingleza, por Pacheco Junior, 1 vol. in-12, 3. edição cart. 1\$500

Nova grammatica theorica e pratica da lingua ingleza, segundo o methodo de Otto, 1 vol. in-16 (em preparação) \$

Novo methodo pratico e facil, para aprender-se a lingua italiana com muita rapidez, pelo Dr. F. Ahn, adaptado ao uso dos brasileiros, por F. de Oliveira, 1 vol. 1\$500

Guia de conversação, em italiano e portuguez, por Alberto de Gervais, 1 vol. cart. 1\$000

Novo methodo pratico e facil, para aprender a lingua allemã com muita rapidez e facilidade segundo os principios do Dr. F. Ahn, por Hugo A. Gruber. Quinta edição correcta e melhorada, 1 vol. cart. 1\$500

Grammatica allemã, por E. Otto, adoptada ao programma de exames e premiada com um diploma de 2ª classe na exposição de objectos escolares em 1888, por A. Neumann, 1 vol. 4\$000

Conversação nas linguas portugueza, ingleza, franceza e allemã, por Freese, 1 volume 1\$000

Arte versificatoria da lingua latina, por Joaquim José de Mendonça Silveira, 1 volume 1\$000

Lições de chimica geral, pelo Dr. Martins Teixeira, 1 vol. 4\$000

Tratado de methodologia, por Felisberto de Carvalho, 1 vol. 2\$000